

5ª PARTE

DISCURSOS

Discurso no 118º Aniversário da Academia Cearense de Letras²⁶

José Augusto Bezerra

Prezados membros que compõem a mesa diretora dos trabalhos desta Sessão Magna, os quais saúdo na figura do seu ínclito Presidente, Pedro Henrique Saraiva Leão, este homem que tem honrado as letras da terra alencarina por vários ângulos, tais como na poliglotia, na bibliofilia, na medicina, na oratória e, particularmente, na poesia, onde seu vulto se destaca de forma excepcional. A saudação é extensiva à primeira dama, Mana Saraiva Leão, pelo carinho que dedica à entidade, pois até no dia de ontem, domingo à tarde, aqui estava dando os seus toques femininos para que esta reunião tivesse o *glamour* de um marcante acontecimento.

Estimados confrades, louvo-os com entusiasmo, pois são os reais guardiões desta Casa. São vocês que a mantêm, ativa e criadora e neste sentido devo reverenciá-los também em nome dos vinte e sete sócios que a fundaram, cento e dezoito anos atrás.

Se pudessem falar, os fundadores nos lembrariam que os atuais quarenta consócios são os legítimos herdeiros de um sonho. Diriam que Fortaleza naquele dia 15 de agosto de 1894 possuía pouco mais de 30.000 habitantes, mas que a sua atividade intelectual era intensa, porquanto o surgimento da Padaria Espiritual, em 1892 e a criação da Academia Cearense de Letras (inicialmente chamada de Academia Cearense), em 1894, iriam marcar indelevelmente a literatura brasileira. A primeira, uma sociedade literária diferente, inovadora, nascida trinta anos antes da semana de arte moderna de 1922, e a segunda, a entidade precursora das Academias de Letras no Brasil.

Diriam ainda que o prédio da Fenix Caixeiral, em cujo salão nobre esta Academia foi instalada, bem como todos os membros fundadores que a iniciaram, já não existem, mas que a Academia Cearense

26 Agosto/2012

de Letras permanecerá ativa, hoje e sempre, pois enquanto existirem acadêmicos, os fundadores continuarão vivos em seus ideais.

Prezados convidados que nos honram com as suas presenças e conosco partilham de mais um momento da caminhada da Academia Cearense de Letras, no tempo e no espaço. Na realidade a Academia e os acadêmicos, desde o início, conforme dizem nossos estatutos, existem por vocês e para vocês. Os objetivos iniciais e os atuais registram que é nosso dever alargar os horizontes educacional, artístico e cultural da nossa terra, em sintonia com o movimento intelectual dos outros povos cultos. Suas presenças aqui registram que o espírito de vanguarda dos filhos da pequena cidade de Fortaleza de 1894, que a Academia viu crescer, continua o mesmo. Na nossa genética contemporânea ainda vive algo de Juvenal Galeno, Rodolfo Teófilo, Adolfo Caminha, Tomás Pompeu, Antonio Sales, José Carlos Junior, Antonio Bezerra, Alba Valdez, Jáder de Carvalho, Otacilio de Azevedo, Dolor Barreira, Moreira e Natércia Campos, para citar só alguns dos que já nos deixaram. Por uma questão de cortesia e de justiça não posso deixar de mencionar também grandes mestres da atualidade. Representá-los-ei em nome de alguém que é uma unanimidade entre nós, o Príncipe dos Poetas Cearenses, Artur Eduardo Benevides. Inicialmente, agradecemos as suas presenças, senhoras e senhores, pois aqui representam, por amostragem, não somente a razão de ser da ACL, como já mencionado, mas também o passado, o presente e o futuro de toda a nossa história.

E por falar em história, esta é uma casa de contadores de histórias, nos mais diversos gêneros. A cada ano que passa, um dos seus membros é convocado para recompor com palavras, de acordo com seu ponto de vista, a saga deste Sodalício. Como se recriasse, num teatro imaginário, as imagens que foram ou estão sendo interpretadas na vida real pelos personagens que a habitam. São estes chamados de imortais. Imortais por suas criações do passado, lembradas no presente; por suas obras do presente, julgadas pelo futuro e por suas ligações com o futuro, reveladas na eternidade.

Neste ano fui convocado pela Presidência para a nobre missão de recontar a nossa história, agora acrescida do ano de 2012. Procurarei desincumbir-me tomando como referência os ilustres confrades que me antecederam, os quais homenageio nas figuras dos seis últimos que aqui falaram nos aniversários da ACL e que tive a honra de ouvir: Pedro Paulo Montenegro, Sânzio de Azevedo, Pedro Henrique Saraiva Leão, Linhares Filho, Lúcio Alcântara e Ednilo Gomes de Soárez.

Ao falar do passado, vejo o ambiente inicial da Academia Cearense de Letras, cheio de liberdade e agitação, advindo da instalação da República, poucos anos antes. O Ceará, que em 1817, na Revolução Pernambucana, em 1824, na Confederação do Equador, e em 1884, na libertação dos escravos, tentara mudar o Império por confrontos, agora mudara a tática e produziu uma atividade modificadora pelas letras.

Tal fato já se pronunciara antes em José de Alencar. Vindo de uma família de revolucionários, tornara-se inimigo do Imperador ao fazer de sua pena uma arma, orientando sua força reformadora para a língua e criando o romance nacional. Nesta fase sequencial, o Ceará iniciou movimentos literários de vanguarda, como já mencionados, e atuou de forma nunca vista, por seus escritores, em diferentes gêneros, tais como Farias Brito, na Filosofia, Clóvis Bevilacqua, no Direito, Capistrano de Abreu, na História, Heráclito Graça, na Linguagem e outros. Fundou valiosas entidades, como a Academia Cearense de Letras e o Instituto do Ceará, para, mais à frente, em seu ineditismo, coroar a figura da mulher na literatura nacional, entronizando Rachel de Queiroz na Academia Brasileira de Letras, como sua primeira personalidade feminina.

É oportuno lembrar que a Academia Cearense de Letras, desde seu período inicial, conviveu com as grandes dificuldades naturais e conjunturais da nossa região, tais como secas, misérias, epidemias, violências e revoltas, o que valoriza o trabalho dos fundadores e continuadores, porquanto poucas entidades culturais da época sobreviveram ao impacto de tais peculiaridades.

Em razão dessas circunstâncias e de outras internas, tais como mortes e mudanças de acadêmicos para outros estados, houve períodos de instabilidades para a entidade, que embora cheia de vitalidade e entusiasmo no início, veio se adaptando às necessidades e durante esses cento e dezoito anos de existência fez três grandes reorganizações.

A fase inicial, cujos primeiros presidentes foram Guilherme Stuard (em caráter provisório), e Thomaz Pompeu (em caráter definitivo), teve sua revista editada anualmente até 1914 e registrou um único acadêmico eleito no período, Rodrigues de Carvalho, para ocupar a vaga deixada por José Carlos da Costa Ribeiro Júnior.

A primeira reorganização, em 1922, foi iniciada pelo Presidente do Estado, Justiniano de Serpa e o folclorista Leonardo Mota. Ampliou o quadro de sócios para 40, mudou o nome para Academia Cearense de Letras e criou patronos para as cadeiras. O Presidente foi novamente Tomás Pompeu. Teve curta duração, por conta da longa enfermidade do governador Justiniano de Serpa, seu principal articulador.

A segunda reorganização, em 1930, apoiada pelo Presidente do Estado, Matos Peixoto e pelo acadêmico Valter Pompeu, fez pequenas mudanças no estatuto e durou até 1951. Seus Presidentes foram Antônio Sales e, depois, Tomás Pompeu Sobrinho. Nesse período foram introduzidos cinco novos membros.

A terceira e última reorganização ocorreu em 1951. Foi feita mudança no estatuto para absorver os membros da Academia de Letras do Ceará e na ocasião foram admitidos doze novos acadêmicos. A partir de então a Academia Cearense de Letras não sofreu modificações. O presidente eleito foi Dolor Barreira, tendo como sucessores Mário Linhares, Raimundo Girão, Andrade Furtado, Renato Braga, Antônio Martins Filho, Eduardo Campos, Cláudio Martins, Artur Eduardo Benevides, José Murilo Martins e, na atualidade, Pedro Henrique Saraiva Leão.

Após esta análise do passado, faremos algumas considerações sobre o presente e o futuro.

A sede atual da ACL, chamada de Palácio da Luz, é um importante prédio construído no final do séc. XVIII para residência do Capitão-Mor, Antônio de Castro Viana e que após sua morte foi arrematado pelo Senado da Câmara, em 1802. Foi Luís Barba Alardo de Meneses, terceiro governador do Ceará autônomo, em 1808, o primeiro a tomá-lo como sede oficial do governo e residência do governador. Seu sucessor, o português Manuel Inácio de Sampaio, como que antevendo o futuro deste prédio, promoveu animadas reuniões literárias neste local em que estamos agora, entre 1812 e 1820, reunindo os poucos intelectuais do lugar, que receberam o nome de oiteiros.

O Palácio da Luz foi sede do governo do Ceará por 162 anos, desde o tempo do Brasil Colônia até a inauguração do Palácio da Abolição, em 1970. Nele, por entre momentos de dificuldades, revoluções, tristezas e alegrias, mais de 90 governantes dirigiram os destinos desta terra. Em 1970, quando o acadêmico Cláudio Martins era presidente da ACL, o Palácio da Luz foi destinado para sede da Academia Cearense de Letras, pelo Governador Tasso Jereissati.

É digno de nota o esforço de cada presidente que passou pela entidade, no afã de aprimorá-la. Pessoalmente, tenho acompanhado a dedicação dos últimos três dirigentes, e posso testemunhar o alto grau de envolvimento, criatividade e boa vontade de cada um deles. Um prédio com essas dimensões e uma equipe de funcionários de ótimo nível, como deve ser o de uma Academia desse porte, carecem de uma razoável verba mensal, para manutenção adequada das instalações e equipamentos, bem como para se prestar um bom serviço, à comunidade, às quinze outras instituições culturais que aqui se abrigam e aos confrades do silogeu.

Para que se tenha ideia, agora mesmo, a lei que dava cento e cinquenta mil reais anuais pelo Estado à ACL, lei obtida a duras penas pela atual administração, foi cancelada e a Diretoria já está trabalhando outras alternativas. Mas fica a lição do quão difícil é fazer planejamento.

Veja-se um exemplo de abnegação. Este belíssimo e histórico quadro do Raimundo Cela, que podemos divisar, precisava ser restaurado

de imediato e o foi. Pago, na maior parte pelo atual presidente, secundado por alguns colaboradores. Enfim, o esforço para se manter uma entidade desse porte é permanente, mormente pelos que estão à frente dela, e por isso lhes somos profundamente gratos e reconhecidos.

Dolorosamente também temos a lamentar. Neste ano perdemos dois importantes colaboradores. Dois homens maravilhosos, como pessoas e como intelectuais: José Maria Barros de Pinho e José Alves Fernandes. Barros Pinho era um baluarte que lutava, diuturnamente, pela ACL. Meu bom amigo, você seria o próximo presidente da entidade, com o apoio de todos nós. A saudade que nos deixa é indescritível. José Alves Fernandes, um dos maiores filólogos do Brasil. Estava sempre pesquisando na minha biblioteca, e, em outras oportunidades, na biblioteca Justiniano de Serpa, desta Academia. Terminara o *Dicionário Cronológico da Língua Portuguesa*, notável obra que lamentavelmente não chegou a ver publicada. Figura doce e amável, nos deixa muitas saudades, também.

Não mencionarei os nomes de cada confrade da atualidade porque o confrade Linhares Filho, em um discurso, há pouco, fez um resumo sobre o perfil de cada um, e a palavra deste professor é sempre um ponto final.

Que dizer do futuro? Desde a antiguidade procurou-se predizê-lo através das mais variadas formas: pelas mãos, na quiromancia; pelos astros, na astrologia; por um livro que se abre ao acaso, na bibliomancia; pelos sonhos, na oniromancia; pelo fogo, na piromancia e por centenas de outras práticas semelhantes, mas... tudo em vão.

Temos consciência de que o futuro de todas as coisas é igualmente o desta entidade é algo a ser construído e depende de cada um de nós.

Não será fácil, é certo, e haverá muito trabalho, mas com a ajuda de Deus e o empenho de todos, Diretorias, atual e futuras, confrades e consortes, funcionários, benfeitores, colaboradores, literatos e amigos, a Academia Cearense de Letras haverá de chegar a um amanhã cada vez mais promissor.

Muito grato,